



O Ideário Patrimonial О идеарио

Heranças Patrimoniais
enquanto Partilha de Saberes



O Ideário
Patrimonial
О идеарио

N. 09 // dezembro 2017 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

DIRECTORES-ADJUNTOS

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar
Professora Especialista Fernando Salvador Sanchez, Instituto Politécnico de Tomar
Doutor Gustavo Portocarrero, Faculdade de Belas-Artes, da Universidade de Lisboa (CIEBA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Professor Catedrático Carlos Costa, Universidade de Aveiro
Professor Doutor Carlos Cupeto, Universidade de Évora
Professor Doutor André Luis Ramos Soares, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Professor Doutor Fabio Negrino, Università degli Studi di Genova
Professora Doutora Hália Santos, Instituto Politécnico de Tomar e Directora do ESTAJornal
Professora Doutora Maria João Bom, Instituto Politécnico de Tomar

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro Transdisciplinar das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN

2183-1394

**ANOTADA DA ERC
REGISTADA NA INPI**

Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

ESCREVER OS DIAS

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ide@fl.uc.pt



Escrever os Dias

José d'Encarnação

Historial do artigo:

Recebido a 26 de outubro de 2017

Revisto a 27 de outubro de 2017

Aceite a 31 de outubro de 2017

RESUMO

Procura-se neste ensaio mostrar o elevado interesse cultural que se desprende do livro de Ana Paula Guimarães, *Escrever os meses a seguir os dias*. O livro trata das devoções populares do mês de Setembro e traça, pois, um panorama do que é esse relevante património imaterial. O ensaio pode classificar-se como uma resenha e uma glosa, na medida em que o Autor parte do conteúdo do livro e se espraia em considerações complementares, com a finalidade de melhor realçar a importância desse conteúdo.

Palavras-chave: Património Cultural Imaterial; Crenças Populares; Poesia Tradicional.

ABSTRACT

This text is an essay about the book of Ana Paula Guimarães, *Escrever os meses a seguir os dias*, «To write the months following the days». Ana Paula choose in this book September, with his popular religious festivities, above all the cult of the Holy Virgin with her various invocations. It's the immaterial heritage day after day. This essay shows the very high significance of these rites and their cultural evidences in the rural Portuguese countries.

Key-words: Immaterial Heritage; Popular Rites.

O livrinho, de 44 páginas, editado pela Apenas Livros chama-se, ao que parece, *Setembro* e tem por subtítulo: «Escrever os meses a seguir os dias» (vd. **Figura 1.**).

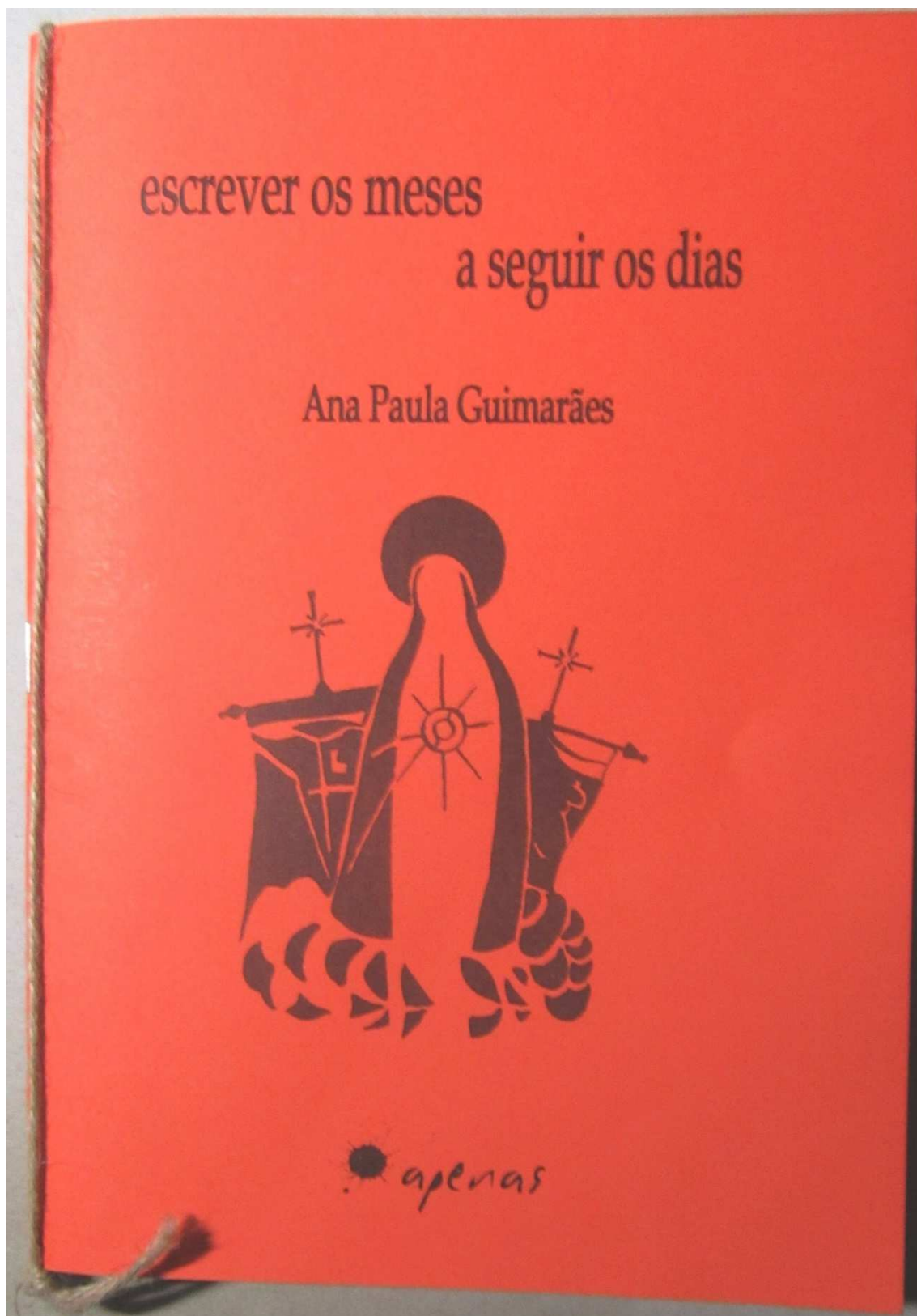


Figura 1. Capa de «escrever os meses a seguir os dias». Fonte: Autor.

Tem, pois, aparência de diário, porque «escrever os meses a seguir os dias» lembra os *Diários* de Miguel Torga ou os *Cadernos de Lanzarote* de Saramago. Mas não. Ana Paula Guimarães é membro, desde a sua criação, do Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e, por isso, este ‘contar os dias’ é a

narrativa da sucessão das festas populares. Um desfiar dos dias através da hagiologia. Quanta festa por esse país além! Às santas e aos santos das mais variadas invocações e milagreiros predicados.

...

Os aviões riscam de amarelo breve o céu – para norte e para sul. Imagino quem lá vai. Também terá as suas devoções. Diárias ou em dias certos do ano, como Ana Paula quis contar.

Pode ser a determinadas horas do dia, como esta, em que nem apetece falar. Só ouvir a Natureza a adormecer, os pardais a virem de todas as direcções para se aninharem, pipilando, a preparar a noite, naquele enorme *figus* ali defronte, mesmo que seja ao som quente desta voz masculina que canta *Far Away*:

That I love you

I've loved you all along

And I miss you

Been far away for far too long...

Não estive, porém, *far away* Ana Paula quando, ao folhear atentamente as páginas deixadas por Leite de Vasconcelos, por Michel Giacometti e Lopes Graça, nos faz penetrar na alma do povo que somos, com suas crenças, canções, a senhora que apareceu à pastorinha e o povo que não acreditou e foi preciso curar uma entrevadinha para ali se erguer a capelinha em Sua honra...

Curiosamente, sinto-me a retornar à juventude, quando, escarranchado num pinheiro, deliciado com as aventuras de Júlio Verne, não dava pelo lusco-fusco a desaparecer, porque firmava a vista – e, assim, acabei bem cedo por ter de usar óculos. Também agora, vejo da varanda, as luzes já espreitam por entre o casario da aldeia e eu nem dera por isso (**vd. Figura 2.**). Retomarei o livro com mais luz.



Figura 2. Ouvir a Natureza a adormecer. **Fonte:** Autor.

...

«Semear os dias», deitar-lhes cuidadosamente a semente na esperança de colheita úbere. Rituais que o *Borda d'Água* contempla e a que religiosamente obedecíamos, porque – passados de geração em geração – constituíam «saber de experiências feito», para usarmos a frase que Camões pôs na boca do Velho do Restelo (*Os Lusíadas*, IV, 95).

Hoje, porém, a tecnologia e o grande capital baralharam tudo, já nem o *Borda d'Água* se entende e até o «Pelo São Martinho vai a adega e prova o vinho» não logra usufruir do estatuto carismático de dogma religioso, proclamado por Sua Santidade o Papa.

Mesmo assim, a recém-criada Paremiologia ressuscitou os provérbios para o correr do ano, de Janeiro a Dezembro, e não há mês ou festividade religiosa a que não corresponda provérbio que se preze.

Semear os dias pela invocação do santo constante da hagiologia e quotidianamente recordado no breviário sacerdotal tinha sentido pleno, quando a devoção religiosa católica nos impregnava as jornadas e havia quem podia dedicar algum do seu tempo à missa quotidiana. O materialismo grassante matou a serenidade; o dia deixou de ser regulado pelo toque das ave-marias e a luta pela *pole position* automobilística da Fórmula 1, medida aos centésimos de segundo, influenciou-nos de tal modo que andamos numa corrida e blasfemamos quando, por um segundo, perdemos o comboio idealizado ou o motorista do autocarro se arma em autoritário e... «Fechei a porta, tá fechada!».

Portanto, no Ocidente, restaram as efemérides religiosas principais: o Natal e a Páscoa, sim, e o Corpo de Deus, a Imaculada Conceição, mas sem oficialmente o lustro de outrora. ¿E quem vai à paróquia à missa no dia 3 de Fevereiro, para que o senhor padre lhe ponha duas velas cruzadas no pescoço, porque S. Brás cura tudo quanto é maleita de garganta? ¿Ou, a seguir ao Carnaval, se deixa ungir na testa com a cinza dos ramos benzidos em Dia de Ramos ou na «Quinta-feira da espiga» – o dia tradicional da Ascensão – para ouvir as palavras sacramentais «Memento, homo, quia pulvis est et in pulverem reverteris!», «Lembra-te, ó homem, de que és pó e em pó te hás-de tornar!» (*Génesis* 3, 19)?

...

Urgia, pois, semear os dias doutra maneira.

Com um diário?

É uma ideia; mas nem o muito organizado Miguel Torga seguiu (ou parece ter seguido) a máxima que Plínio-o-Velho (*Naturalis Historia*, 35) atribuiu a Apeles, o celebrado pintor: «Nulla dies sine linea», que em nenhum dia o Sol se ponha sem que tu tenhas escrito uma linha só que seja! É que ele há dias insossos, sensaborões, sobre os quais nada vale a pena escrever. Nem Saramago, nos *Cadernos de Lanzarote*, escreveu todos os dias.

¿Presunção, pois, a de Ana Paula Guimarães de, apesar desses exemplos, querer semear todos os dias de Setembro? É que Ana Paula não é sacerdote com obrigação de breviário; escritora que deseje enfatizar seus dias; faroleiro com regra de total registo das ocorrências – mesmo que as não haja – no farol que tem a seu cuidado.

Ana Paula escolheu o Povo. E, como Leite de Vasconcelos, Michel Giacometti e Fernando Lopes-Graça – só para citar os mais referidos – foi por aí. Pelas aldeias e campos e pelos livros também. E polvilhou o seu livro das tradições populares, mesmo que se tenha visto forçada a não respeitar com rigor os dias, uma vez que alguns há tão cheios que só dá para os recordar dias seguidos,



os rituais, os usos populares, as promessas, os sonhos acalentados... O dia 8, por exemplo, parece ter exercido nela certo fascínio, pois acabou por ser pretexto para devoções doutras jornadas.

...

Encontramo-nos, por conseguinte, perante uma obra aparentemente singela – «Isso fazia eu com uma perna às costas!», alguém se atreveria a dizer. E é elogio para a Autora, porque, tendo consultado mundos e fundos, acabou nos presentear com livrinho tão simples que até parece fácil de escrever.

Integrada, como se disse, num Centro de Estudos de Literatura Tradicional, a Doutora Ana Paula estava habituada já a estudar as falas, as tradições religiosas, os versos populares, que constituem, na verdade, o nosso riquíssimo património imaterial. A fixar – para que não se olvide!

No fundo, o livro é conversa despretensiosa com o leitor, em que, numa espontaneidade aparente, se passa da referência à devoção prestada – aqui e além – à Senhora do Castelo, à Senhora da Peneda, à Senhora da Ajuda, dos Remédios, a Nossa Senhora do Pranto, de grande devoção em Dornes, a aldeia que foi dos Templários e tem, na igreja, torre singular (**vd. Figura 3.**).



Figura 3. A torre de Dornes, em mística paisagem. **Fonte:** Autor.

e os habitantes vivem da pesca do lagostim e agora desperta também para o turismo, pela superior beleza natural junto a um dos braços em que, por mor da barragem, o Zêzere ali se espraia e há todo um misterioso halo derredor... Senhora do Pranto, rogai por nós e damos-Te uma vela da nossa altura! (**vd. Figura 4.**)



Figura 4. Velas que ardem numa prece. Fonte: Francisco de Almeida Dias.

Dornes, erguida em pequeno esporão da amena albufeira, abraça a quietude da enseada onde convivem barcos de recreio e de trabalho...

– *Nossa Senhora do Pranto*

Dizei-me onde morais.

– *Moro no cimo de Dornes*

Defronte dos Arraçais (p. 17).

Tantas Senhoras! Criadas, um dia, não se sabe quando, pelo Povo, por via de inesperado facto acontecido, de paisagem prene de misticismo... Os Romanos chamavam-lhe Génio e veneravam o Génio da cidade, o Génio daquele rio, o Génio daquela montanha, como a do Larouco...

É verdade: o tempo dos Romanos assistiu, na Península Ibérica, à afirmação de identidades, que, neste dealbar do século XXI, acerbamente num crescendo reviveu.

As divindades assumiram, na época romana, epítetos locais: os deuses e as deusas de Conímbriga (*dii deaque Coniumbrigensium*) (vd. Figura 5.),



Figura 5. Altar dedicado aos deuses de Conímbriga. Fonte: Autor.

o Génio dos Tongobrigenses, a deusa Atégina Turobrigense... Perto de Alcains, a divindade *Asidia* recebeu o nome de *Polturicea*, por ser padroeira dos Polturícios, a família cujo antepassado mais venerado fora Poltúrio (vd. Figura 6.).

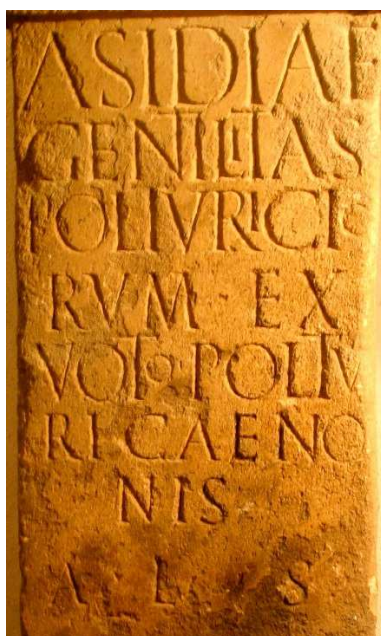


Figura 6. Ex-voto a Asidia, divindade protectora dos Polturícios (séc. I). Fonte: Autor.

Não direi que os localismos toponímicos não estejam presentes nas invocações da Virgem relacionados sempre com histórias de aparições; contudo, a Senhora da Boa Morte, a Senhora

do Parto, a Senhora dos Remédios... constituem expressões mais universais, mais ligadas ao espírito do que ao lugar.

Nossa Senhora da Ajuda

Ajudai-me a eu casar:

O meu pai é pobrezinho,

Não tem dote p'ra me dar. (p. 22).

...

E as mesinhas.

E as lengalengas e benzeduras para curar do mau-olhado, do quebranto, das sezões...

Deus te fez,

Deus te remiu,

Deus te criou,

Deus te livre

De quem mal

Para ti olhou,

A flor de ti levou. (p. 19).

Um retrato vivo do modo de vida das gentes e do que pensavam e ainda pensam.

Rimo-nos dessas crendices?

Não há de quê!

¿Há assim tão grandes diferenças em relação ao que se passa no nosso quotidiano de homens do século XXI?

É que tudo isso se prende com algo a que nem sempre damos a importância que realmente detém: o enorme poder do pensamento! Ele «esteve nervoso» – e a actuação não lhe saiu bem.

E o que é «estar nervoso»?

É pensar que não se é capaz, que vai correr mal! E importa precisamente o contrário e isso a benzedura traz: Nada de desânimos! Nunca será uma guerra perdida! E se se parte para a batalha, na convicção de que ela está perdida, perde-se mesmo.

A Ana Rosa estagiou, durante uns anos, nos serviços de puericultura do hospital. E era matemático: se a parturiente dizia que o parto ia correr mal, mesmo que o bebé estivesse na posição correcta, as águas rebentadas, o cordão umbilical sem problemas, o parto corria mal, porque, como estava nervosa, descontrolava-se na respiração; ao invés, mesmo aquelas que tinham tido uma gravidez complicada, se encaravam o parto com naturalidade, parir era ir ali e voltar já!...

Fecho o parêntesis sobre esta explicação do poder das mezinhas e benzeduras, porque elevam o poder do pensamento positivo e volto às devoções populares. Por vezes, havia que roubar uma imagem sagrada e mantê-la escondida, em segredo, até que a maleita sumisse.

Um panorama, dir-se-ia, traçado por Ana Paula Guimarães a propósito das festividades do mês de Setembro, deste património imaterial constituído pelo que o Povo pensa e reza.

Escrevi bem: «O que o Povo pensa».

E, se já esta frase singela tem muito que se lhe diga, melhor o compreenderemos quando atentarmos em frases espalhadas pelo livro e no que elas, timidamente embora (pensamos nós), deixam transparecer. Esta, a título de exemplo:

«Este mundo não fica bem partido; a terra é toda dos lavradores. Uns têm tudo e os outros não têm nada!» (p. 30 – fala de Alvina, pescadeira nascida em 1917).

...

A 14 de Setembro, lembra-se Ana Paula do mar: será que não há cantigas populares sobre o mar neste «país de marinheiros»? E faz-se eco da questão posta por Armando Leça no seu livro *Música Popular Portuguesa*:

«Por que motivo este povo de marinheiros e pescadores tem no seu cancionário tão poucas melodias sobre o mar?» (p. 23).

E mais adiante (p. 24):

«Se a lírica pouco fala do mar, será, porque, de facto, os próprios pescadores não cantam?».

E se cantarem... será que os pescadores não contam aquilo que cantam?» (p. 27).

O meu amor foi pr'ó mar

Não se despediu de mim

Que o mar se faça em rosas

E a traineira num jardim. (p. 31).

As comunidades piscatórias, uma «comunidade fechada», diz Orlando Ribeiro, citado nessa mesma página 27. Cantarão, digo eu, lengalengas, no alar das redes, para marcar o ritmo; ou, quando havia remos, para estar tudo certo, qual tambor que, em tempo de Romanos, o marinheiro-mor batia a compasso para o rebanho de escravos fazer vogar as trirremes...

Conclui-se:

«Parece ser assim: a lírica (residente em terra, junto de quem frequentemente nem lê nem escreve) não adere à aventura marítima.

A lírica e épica dos cultos [isto é, a gente culta], essas sim, reflectem mar e viagem pelos oceanos, tragédias e aventuras além» (p. 28):

Ó mar, caixão dos navios

Ó cama dos marinheiros

Debaixo da vela grande

Se agantam os aguaceiros (p. 30) (vd. Figura 7.).



Figura 7. Ex-voto a N^a Sr^a dos Navegante. Fonte: Autor.

Voltaríamos, assim à ideia expressa pela pescadeira Alcina e à explicação dada por Sally Costa:

«A exploração de recursos marítimos foi desenvolvida pelos indivíduos não proprietários de terras, que não herdaram as propriedades familiares» (p. 30).

Desta sorte poderá ter acontecido na Gândara e mesmo em terras como a Azoia, debruçada sobre o Atlântico e aninhada na aba da Serra de Sintra: é a mulher que trabalha o campo, as hortas, enquanto o homem se aventura na pesca costeira, dono de pequeno batel ou organizado em companhia ou simplesmente vivendo da pesca à linha e da apanha de marisco na maré vazia: percebes, mexilhão, lapas, caranguejos... (vd. Figura 8.).



Figura 8. Porto Touro, perto da Azoia, minúscula comunidade de pescadores. Fonte: Guilherme Cardoso.

...

E assim vamos, enleados nessa espécie de inocente bate-papo em que a Autora nos sabe enlear, sem que demos por isso, num percorrer desse património imaterial a que ora damos tamanha importância como fator de identidade.

E prende-nos.

Interrompe agora a narrativa para se dirigir ao leitor, em comentário breve ou mesmo num desafio. Já vamos ver.

Na minha juventude, estudei Francês e Inglês também pelo Método Assimil. Uma das características que lhe achei mui oportunas foi a de, passadas umas quantas páginas, nos perguntar se nos lembrávamos de determinado vocábulo ou expressão, estudada numa das páginas anteriores, para que nos remetia. Uma técnica usada ao longo de todo o livro e que eu, jovem estudante, imediatamente adoptei nos meus livros de estudo, inserindo páginas adiante uma pergunta com a indicação da página da resposta. Ensinei-a, até, aos meus estudantes. Isso faz Ana Paula Guimarães. Por exemplo: ia citar uma obra e interrompe-se:

«Lembra-se do título? Quem foram os coordenadores? E as ilustrações foram realizadas por...». E sugere: «Trabalho a realizar pelo leitor competente e atento!» (p. 21).

...

Ao passear-se desta forma, em aparente descontração, pelos escaninhos da alma portuguesa, revelados, de modo especial, pelos versos espontaneamente transmitidos de geração em geração, a Autora cedo teve de deixar de lado o calendário. Aponta-o, sim: «SETEMBRO, dia 12»; mas vai-se ao dia 12 e a referência cronológica esquece-se, para perguntar porque é que, em Cebolais de Cima, há no pedestal da Senhora dos Remédios «tanto menino» à volta. «Estão virados para Castela / Todos são castelhaninhos», explicita-se na quadra transcrita a seguir (p. 21).

Poderia este exemplo servir para uma reflexão que nunca é de mais repetir.

Há os livros maçudos – de História, de Etnografia, de Filologia... – pejados de notas de rodapé, de mui eruditas citações; e o estudioso fica arrasado de tanto saber, a imaginar horas infundas passadas em bibliotecas escusas ou no recanto do escritório lá de cima, rodeado de estantes a abarrotar... E há os livros, como este, de título singelo, despojado de palavras raras – «escrever os meses a seguir os dias» –, fruto evidente de amadurecido pensar, a ensinar-nos meigamente como se penetra na alma dum Povo, no que o distingue dos demais.

Aqui, o «diário» é mero pretexto e só o mês é que importa, retratado nas suas múltiplas manifestações religiosas, um pouco por todo o País: Tramagal, Guimarães, Dornes, Nazaré, Algarve, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Ribatejo... Por toda a parte, a mesma relação com o Divino, mormente em caso de doença ou outras aflições, em que as benzeduras são, dizem, remédio santo.

Não se aborda aqui – pois não era o caso – aqueloutro lado, mui amiúde presente na boca do Povo, mesmo em clima sério, de oração:

Virgem Senhora da Penha

Vizinha dos olivais

Guardai-me a minha azeitona

Não ma comam os pardais. (p. 17).

Recolhida em Castelo de Vide, nada me admiraria eu, meridional como sou, que ao sentido concreto, o verdadeiro, consignado na quadra, algum maroto, um dia, lhe atribuísse significado brejeiro...

...

Corro sério risco de ter emitido pareceres menos ajustados por analisar apenas o mês de Setembro numa série que doze meses contempla.

Escudo-me na presunção de que idêntico será, ao longo do ano, o modo de narração da Autora, variando as devoções contempladas e o maior ou menor entusiasmo que despertem.

Confesso que, a dado momento, duvidei da minha objectividade e, até, da justiça, em termos científicos e literários, de – propositadamente – nem tem querido ver os demais. Seja. Acredito, todavia, ser esse o tom geral da dúzia. Aliás, todos os meses se nos apresentam diferentes – nas condições climatéricas (outrora mais distintas do que na actualidade), nos trabalhos agrícolas (onde é possível observá-los), no tamanho dos dias e das noites...

Setembro poderá ser, todavia, para muitos de nós um mês especial. De nada valerá agora protestar contra essa estranha e generalizada deliberação de se antecipar a abertura do ano escolar, a proibir-nos de o gozar em plenitude.

Já a Família Real portuguesa demandava Cascais na doçura do Setembro, após se haver abrigado dos calores estivais na fresquidão da Serra de Sintra.

¿E quem há aí que não sinta saudades das marés vivas a anunciar o Outono, oportunidade única para, sem perigo, enfrentar na praia as ondas alterosas?

¿E os suavíssimos finais de tarde na Praia do Guincho, água ainda morninha, o sol a despedir-se na linha do horizonte, deixando atrás de si toda uma paleta prene de tons alaranjados?...

Esfumara-se o alarido das festas de Agosto, mais pagãs e comunitárias do que reflectidamente vividas no âmago de cada um. E o Setembro das vindimas casava-se às mil maravilhas com a amarelescente cor da folhagem – a tingir-nos os campos dum colorido quente e sossegado...

Não estou, por consequência, arrependido de ter agarrado o *Setembro* de Ana Paula Guimarães, nessa panóplia de vozes a cantar ingénuas loas à Virgem, na sua mais eloquente invocação:

Ó Senhora dos Remédios

Defronte do arvoredos.

Eu já tenho um amor

Mas é muito em segredo. (p. 22).

...

Programara eu breve recensão.

O halo envolvente destas páginas dedicadas por Ana Paula Guimarães ao mês de Setembro, nessa sua vontade de *escrever os meses a seguir os dias*, inibiu-me de ser breve.

Que o leitor me perdoe se nestas divagações o enfastiei. Penitencio-me. E, ao ver-me forçado a concluir – para não enfadar mais – congratulo-me com a iniciativa da Autora e louvo a

generosidade de Fernanda Frazão, dinâmica e sempre disponível gestora da Apenas Livros, por ter acolhido mais este testemunho de excelência.

Editado quase «clandestinamente» (diria), sem data (é de Setembro de 2017) e sem ISBN, tem 44 páginas, é livrinho de cordel e foi Carlos Augusto Ribeiro o ilustrador da capa.

Cascais, Outubro de 2017

José d'Encarnaç